AURORA OBREIRA

REVISTA N° 67
ANO 5 - 2016
OUTUBRO

EDUCAR, ORGANIZAR, EMANCIPAR!

EDITORIAL

As socialistas autoritárias (marxistóides) se apegam à falsa idéia de que a liberdade proposta pelo anarquismo pressupõe uma supervalorização e uma supremacia da liberdade individual sobre a coletiva, insistem na idéia de que o interesse da coletividade deve estar em primeira ordem estando a pessoa subordinada a coletividade, ou seja, ao Estado (ditadura do proletariado), onde somente a partir desse Estado provem o seu direito e a sua vida.

As ideologias burguesas e socialistas autoritárias (marxistóides e seus inumeros clãs) insistem em dizer que a liberdade plena é impossível de ser realizada, no entanto se utilizam de argumentos diferentes para tentar justificar seu desejo pelo poder.

As pessoas burguesas propõem uma forma de liberdade limitada, condicional e vigiada, se utilizando sempre de chavões do tipo "a liberdade de uma pessoa termina onde a liberdade da outra começa"...

Ora pessoas companheiras, nada mais falso!

O que estas ardorosas defensoras da autoridade, da imposição e do poder não sabem ou fingem não saber, e que nós anarquistas estamos aqui para lembrar é que a verdadeira liberdade não tem fim nem limites, tampouco uma forma de liberdade tem supremacia ou privilégio em relação à outra.

Liberdade no anarquismo se somam e se completam; liberdade no anarquismo não tem final, apenas um começo que vai até onde a liberdade de todas e de cada uma sonhar em alcançar e até, talvez, vá um pouco mais além, incluindo todas as formas de vida.

AURORA OBREIRA

Barricada Libertária, iniciativa de ação direta para divulgação e propaganda do anarquismo sem partido, sem religião, sem Estado.

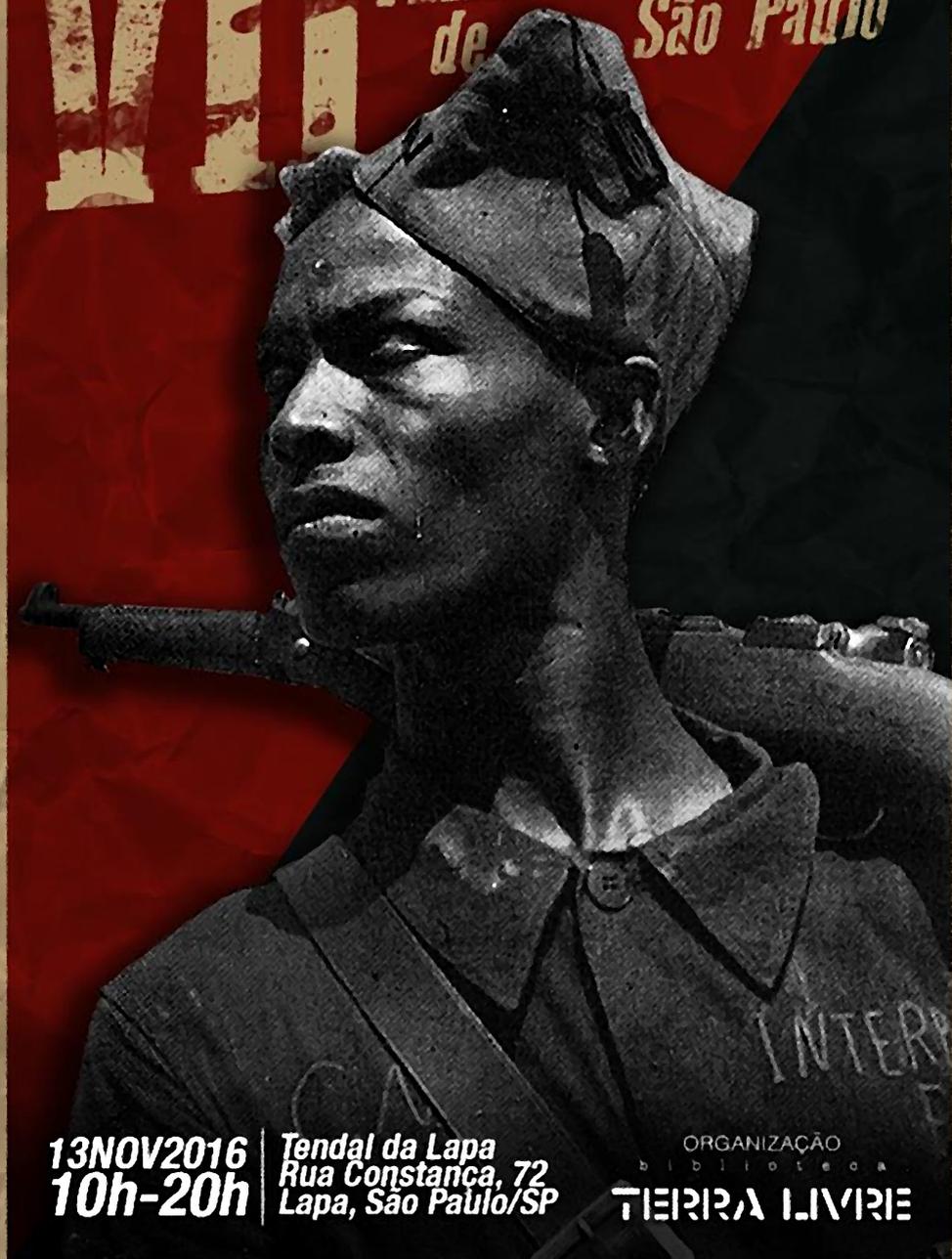
Número 67 - Outubro 2016. Revista para divulgação do anarquismo atual e na construção de uma sociedade sem classes, sem opressão e sem exploração.

Redação: Barricada Libertária
Colaboração: Fenikso Nigra, Movimento Anarquista, Danças das Idéias, ATB, Iniciativa Federalista Anarquista-Brasil
Esta revista foi feita em soft livre: Scribus, Libreoffice, Inkscape, Gimp, OS Mint 17

Contatos:
Barricada Libertária: lobo@riseup.net, barriliber@riseup.net
Fenikso Nigra: fenikso@riseup.net aŭ fenikso@anarkio.net

http://anarkio.net

-Creative Commons: Ioj rezervitaj rajtoj
-Atribuo: Vi citu ĉi tion aŭtoron:
Copyleft: Liberacana Barikado (LoBo) - 2016;
-Ne komerce uzo: Vi ne komercu tion verkon!;
-Oni partoprenas kun sama Permeso 3.0 Brazilo:
Por reprodukti, disvatigi, vi uzu egalan permeson;
-Vi vidu kompletan permeson:
http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/
http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/br/legalcode

VII FEIRA ANARQUISTA de São Paulo

13NOV2016
10h-20h

Tendal da Lapa
Rua Constança, 72
Lapa, São Paulo/SP

ORGANIZAÇÃO
biblioteca
TERRA LIVRE

Reforma e Revolução
Seleção de textos - Noam Chomsky

Seria possível dar alguns exemplos do que você acha especificamente atraente na tradição anarquista, e também dos problemas que os anarquistas podem querer buscar as soluções em outros lugares?

O que me atraiu à tradição anarquista é que, pelo menos da forma como eu a entendi, ela se baseia na constante compreensão da autoridade ilegítima. Você deve buscar essa autoridade ilegítima e tentar superá-la. Isso parece uma idéia simples, elementar. Se você observar a tradição anarquista, os próprios anarquistas estão descobrindo atos de autoridade ilegítima que eles mesmos cometeram. Por exemplo, durante a Revolução Espanhola, havia uma questão sobre o sexismo radical da sociedade espanhola, e alguns anarquistas – se me lembro bem, Federica Montseny estava entre elas – acreditavam que deviam concordar com esses hábitos porque, por exemplo, era bom para as mulheres serem incomodadas nas esquinas quando caminhavam, e assim por diante. Se não me falha a memória eu acho que era ela. Mas eu sei que esse debate realmente aconteceu [1]. Isso é uma questão da mulher internalizar a opressão e a degradação como sendo benéficas e necessárias. É como um escravo dizendo, “eu gosto de ser um escravo e não me tire

dessa situação”. O pior tipo de opressão é aquele internalizado por nós. Nesse caso, esse tipo de opressão penetrou completamente no próprio movimento anarquista. Isso é o tipo de coisa que você não dá atenção e quando descobre, luta para superar.

De fato, o mesmo tipo de coisa aconteceu aqui na década de 1960, como todos sabem. Boa parte do movimento feminista contemporâneo se desenvolveu fora dos conflitos da nova esquerda, quando as mulheres começaram a tomar seriamente a retórica libertadora e perguntaram “por que então estamos fazendo os piores trabalhos?”. E isso causou problemas significativos. Jovens garotos que estavam pensando, corretamente, serem muito corajosos porque se rebelavam contra a autoridade, viviam perigosamente e lutavam contra o sistema de poder tiveram, de repente, que se olhar no espelho e dizer: “Bem, eu estou definitivamente oprimindo alguém, e de forma ilegítima”. Esses não eram problemas pequenos. Eu conheço pessoas que tiveram sérias dificuldades tentando chegar a um acordo sobre esses problemas. E dentro dos grupos do movimento, houve problemas muito sérios também. Eu me lembro deles muito bem. Como você lida com o fato de somente os homens tomarem as decisões e terem autoridade? Como lidamos com isso? Nós nunca atentamos para esse tipo de coisa, porque era apenas uma forma de autoridade e opressão que todos tínhamos internalizado, e nunca havíamos notado. Estamos comprometidos com a idéia de que a autoridade ilegítima deve ser exposta, e uma vez exposta, combatida por nós. E esse me parece o elemento mais saudável na tradição anarquista.

Combater a autoridade de forma imediata. E isso se aplica a todos os aspectos de vida.

Você pode dar um exemplo de algo na tradição socialista autoritária que você valoriza?

Houve um debate entre Engels e os anarquistas em que, mais ou menos, discutia-se o momento para estabelecer-se a sociedade comunista [2]. Dever-se-ia fazer isso pela tomada do poder do

Estado e então avançar rumo ao comunismo, ou seria desastroso passas pelo estágio de apoderar-se do poder do Estado? Bem, eu creio que esses não são problemas tão triviais na vida real. Nas situações reais, você pode não ter opção. A opção pode ser tomar o poder do Estado e utilizá-lo, se possível – e então surge a questão, "isso é possível?" – para fins libertadores, ou apenas para a aceitação dos sistemas de opressão ainda piores que existem. Esses problemas surgem todos ao mesmo tempo. Na realidade eles surgiram na Revolução Espanhola. Aquela foi justamente a situação em que houve um debate quanto a entrar ou não no governo, e que continua até hoje. Você sabe, eu não creio que existam respostas simples a estas questões.

Isso nos conduz direto a uma segunda questão. Em algumas ocasiões recentes [2] você se pronunciou a favor de um apoio limitado e estratégico aos governos em algumas situações como um meio temporário de proteger os cidadãos de predadores ainda piores, como algumas corporações multinacionais – "expandindo a área da jaula". Alguns anarquistas escreveram em apoio à sua posição; mas a reação em outros lugares foi menos favorável, como você obviamente sabia que ia ser.

Nós temos algumas questões sobre esse assunto. Primeiro, (assumindo tal distinção no momento) é possível apoiar a função "boa" (por exemplo de proteção ou bem-estar) do Estado sem, simultaneamente, dar forca ao seu lado "mau", repressivo? O Estado é a melhor defesa que as pessoas têm contra as corporações? A maioria dos Estados modernos não é controlada pelas próprias corporações, as quais, em sua proposta, deveriam ser vigiadas? Você está preocupado cm a separação entre os meios e os fins que o apoio aos governos acarreta? E sobre soluções alternativas, como uma resistência de vários tipo, com base na comunidade, organizando o One Big Union" [3], ou até milícias de trabalhadores, que poderiam permitir aos sindicalistas lutar nossas batalhas imediatas e ao mesmo tempo projetar a sociedade que estamos tentando construir?

Finalmente, quais são as implicações do seu agrupamento em termos da teoria anarquista ou anarco-sindicalista? Por exemplo, você acredita que a oposição tradicional, e que acreditamos ser imutável, contra o Estado é um principio fundamental anarquista que precisa ser revisto, ou isso é meramente uma exceção temporária e estratégica – talvez nas mesmas condições que uma irregularidade no desenvolvimento da teoria na ciência – que deixa o princípio intacto (e, por isso, muitas das análises anarquistas tradicionais no poder)? No primeiro caso, existem outros princípios supostamente fundamentais que você acredita ser tempo dos anarquistas terem uma visão mais crítica?

São muitas coisas. Lembre-me do que eu esquecer. Primeiramente, deixe-me apenas buscar as origens disso. Essa afirmação não é minha, mas do movimento de trabalhadores brasileiros. Os trabalhadores brasileiros tinham algumas escolhas. Uma delas era simplesmente se subordinar a um poder absolutamente brutal. A outra era tentar expandir, em alguma proporção, a estrutura na qual poderiam atuar, e, então, mudar e conseguir algo mais – reconhecendo que estavam numa jaula, o que significa um sistema de opressão. Ora, algum anarquista sério veria um problema sobre qual escolha fazer? Digo, você deveria permanecer sob um sistema de opressão muito mais duro, ao invés de conquistar alguns direitos, utilizando essas vitórias como base para algo além, descobrindo como são possíveis as vitórias, e continuar a partir disso? Eu acho que não. E nem acho que isso seja uma questão.

Consideremos algo concreto: o governo dos EUA. Ele não deu de presente as leis da OSHA (Administração da Saúde e da Segurança no Trabalho), ele foi forçado a aceita-las. Às vezes o governo não aplica essas leis, mas em alguns casos é obrigado a isso. Bem, quando ele é forcado a aplica-las, isso salva vidas. Muitos trabalhadores morrem e se machucam no trabalho. Nos anos Reagan, o governo parou de aplica-las e o número de feridos aumentou enormemente – eles aproximadamente triplicaram.

Tomemos a greve da fábrica de alumínio Ravenswood alguns anos atrás, que foi feita, em parte, por razão dessas questões. Os gestores intervieram para que os operários trabalhassem em turnos de dois em – como eles chamam essas coisas? – poços ou algo assim, onde se funde ferro a 2000 graus Fahrenheit [4]. Condições difíceis. Os trabalhadores eram forcados a trabalhar sob condições tão pavorosas que alguns deles morriam. E isso conduziu às exigências para se aplicar as leis de segurança e saúde. E então aconteceu um lock-out [5], uma campanha e finalmente a vitória dos grevistas, que tiveram um apoio internacional bastante significativo. Mas o essencial foi a aplicação das leis da OSHA, para impor primeiramente multar comuns, mas depois multas bastante severas, como 250,000 dólares, pela violação das leis de segurança e saúde. Sem entrar nos detalhes, alguém duvida sobre a posição que tomaria nessa situação?

Esse é o tipo de questão que surge a todo o tempo. Nós vivemos nesse mundo, e não em outro. Nós podemos querer outro mundo, mas estamos vivendo neste, e se queremos ser relevantes aos seres humanos, se queremos resolver seus problemas, e que eles nos ajudem a resolver os nossos, devemos aprender juntos como prosseguir a um próximo estágio. Se você quer fazer parte do mundo, deve aceita-lo, tal como ele é. Se o problema dos operários é que eles morrem pela falta de aplicação das leis, acontece que neste mundo há somente uma instituição que pode aplica-las, e é o governo – que pode aplica-las precisamente porque ele não é totalmente controlado pelas empresas. Sim, ele é em grande parte controlado pelas empresas. Apesar disso, o governo neste mundo é diferente da GE (General Electric). A GE de fato, e por princípio, é uma tirania, e ponto final. Você não tem o que dizer sobre isso. O governo, a principio e algumas vezes, está submetido, de fato à influência popular e pode, assim, ser obrigado a introduzir medidas como as leis da OSHA que podem salvar vidas, e que nesse caso podem conduzir a uma vitória significativa dos trabalhadores. Além de salvar vidas, podem ainda sindicalizar as fábricas e assim por diante. Devemos nos recusar a utilizar os mecanismos que estão

disponíveis para salvar as vidas das pessoas, para melhorar suas condições, para ajuda-las a compreender que ainda podemos ir muito mais longe? Eu não acho que isso faca qualquer sentido. E, de fato, eu acho que ninguém tem duvidas sobre isso.

Quando vocês vêm aqui, por exemplo, se vierem de avião, não apenas estarão apoiando o Estado, mas também o Pentágono. O que é um avião comercial? É um bombardeiro modificado. Não há maneira de viver neste mundo sem compartilhar com as instituições que o constituem. Podemos dizer que não nos preocupamos com os problemas dos outros – se um metalúrgico por morto ou se uma mãe pobre passar fome por falta de vales para alimentação – e não nos preocupamos, pois, fazer alguma coisa significaria utilizar os mecanismos disponíveis e a única instituição existente e que em alguma medida, está submetida ao controle e à influencia popular. Poderíamos dizer isso, mas então vamos parar de fingir que fazemos parte de qualquer luta pela emancipação e pela liberdade, porque não fazemos, talvez isso soe bem, caso você queira falar num seminário acadêmico sobre teoria anarquista. Mas não está bem se você se vê como parte de uma luta em curso pelos direitos, pela liberdade, para o ataque à autoridade,e assim por diante. Se é isso que vocês buscam, eu não creio que haja escolhas a fazer.

Então esse seria um exemplo do que, no seu ponto de vista, estaria errado na teoria anarquista?

Não. Eu não acredito que qualquer teoria anarquista possa negar isso. Eu não posso acreditar que Kropotkin, Bakunin, Rocker, Malatesta ou qualquer outro, diria: “Não, nós não queremos a aplicação de leis de saúde e segurança para salvar as vidas dos trabalhadores porque isso reforça o Estado”. Eu não acredito nisso.

Isso é muito claro. Considere os salários, digamos, o “salário mínimo digno” [6]. Neste momento existem muitas campanhas acontecendo em níveis locais que insistem no que é chamado de “salário mínimo digno”, o que significa aumentar de forma real o

salário mínimo legal até o nível em que ele deveria estar, se tivesse acompanhado o crescimento da economia. Até aproximadamente a década de 1960, a legislação do New Deal relacionava o salário mínimo legal aos índices de produtividade, de modo que se a economia crescesse, também cresceria esse salário mínimo. Dentro de um sistema social-democrata, realmente não se questiona o controle e a dominação, mas pode-se insistir em algumas medidas de equidade. Isso fez sentido dentro dessa estrutura. Por volta de meados da década de 1960, separou-se os índices econômicos e os salários, e então o salário mínimo legal ficou praticamente fixo enquanto a economia cresceu. Se elevarmos esse salário mínimo ao nível que ele teria atingido se continuasse acompanhando a produtividade, ele teria aproximadamente dobrado. E você sabe, dobrar esse salário salvaria a vida de muitas pessoas, mudaria as coisas enormemente. Elas continuariam na linha de pobreza e não estaríamos colocando em xeque o trabalho assalariado e a dominação, mas é uma grande diferença estar na linha de pobreza e estar abaixo dela. É uma diferença para você, para seus filhos, para sua família, para suas oportunidades e varias outras coisas que você possa imaginar – tudo.

Agora, uma lei sobre o salário mínimo digno é uma lei. Ela passa por alguma organização governamental. Por isso, é errado lutar pelo salário mínimo digno? Eu acho que não. De fato, lutar por esse salário é também um modo de fazer as pessoas entenderem: "olhe, nós podemos vencer. Nós não temos que aceitar o que acontece conosco. Existem formas de agir. Podemos agir juntos e conquistar coisas". E aí você vai dizer: "Por que fazemos isso através do governo?" isso nos leva à questão das alternativas. Podemos construir alternativas? Sim, se soubermos que é possível fazer alguma coisa. Se as únicas opções disponíveis forem simplesmente seguir as ordens sendo você mesmo, ou tentar distingui-las da melhor forma possível num ambiente opressor, você também não estará criando alternativas.

Voltemos às alternativas. Elas [as campanhas que têm o

governo como interlocutor] são alternativas? Por que não organizá-las simultaneamente com outras ações? Você acha que devemos escolher: ou vou fazer uma campanha exigindo o salário mínimo digno ou vou lutar pelo “One Big Union”? Não, faca os dois. Não são escolhas contraditórias, mas formas diferentes de aproximar toda a rede de problemas utilizando os meios que estão disponíveis a você. E esses meios podem apoiar um ao outro. Eles tendem a apoiar um ao outro. Você tem uma vitória aqui, volta-se para outra coisa. Essas vitórias podem contribuir para se levar a cabo as lutas dos trabalhadores. Isso faz as pessoas compreenderem que é necessário estarem juntas, identificarem a opressão e então enfrentá-la. Nós vencemos aqui hoje e podemos vencer amanha em outros lugares. Essas são as dinâmicas da luta social, eu não creio que seja uma questão de escolha.

Voltando à questão da teoria, devo dizer que fico muito desconfiado quando ouço a palavra “teoria” ser utilizada em algo que tem a ver com assuntos humanos. Digo, o conhecimento é muito pequeno. Não há nada que possa merecer o termo “teoria”, quando você tem problemas e determina soluções não óbvias, e depois as verifica. O termo “teoria” é usado apenas como um meio de autopromoção. Você tem alguns pensamentos e idéias que estão juntos e quando quer que eles soem melhor, dá o nome de teoria. Com exceção de poucas áreas de realização intelectual humana, o termo é mais usado para autopromoção. Você sabe, teorias sociais, teorias literárias, esse tipo de coisa. Geralmente é um tipo de senso comum “vem-vestido”, algumas vezes idéias interessantes, mas não vamos ficar tão impressionados com nós mesmos.

Se a teoria anarquista tiver princípios absolutos, há algo errado com ela. Não há uma compreensão profunda para que ele possa expressar princípios absolutos. Ela pode expressar algumas preferências, idéias, princípios, guia, mas deve sempre poder ser questionada, pois realmente não sabemos o suficiente.

Considere, digamos, a questão da escravidão assalariada. Nós gostaríamos de ver, e todos os anarquistas gostariam de ver, isso ser

TIPOS DE VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

PSICOLOGICA

FISICA

PATRIMONIAL

DESIGUALDADE E DESCRIMINAÇÃO

SEXUAL

ECONOMICA

TODA VIOLÊNCIA É GRAVE E CAUSA DANOS IGUAIS!

superado, o que na é particularmente uma idéia original. Também acreditavam nisso os trabalhadores americanos 150 anos atrás, que nunca tinham ouvido falar de anarquismo, sempre se reconheceu que a escravidão assalariada não se difere tanto da própria escravidão, um reconhecimento bastante profundo que faz todo o caminho de volta. Mas nós realmente sabemos como organizar uma sociedade sem essa escravidão assalariada? Talvez descubramos que isso é impossível. Eu não acho que seja. Mas qualquer um que não esteja aberto a essa possibilidade não está sendo muito serio. Não sabemos o suficiente sobre como organizar sociedades. É possível que uma estrutura social complexa – algo como o que existe hoje, com bilhões de seres humanos, algo muito complicado – exista e funcione sob os princípios com os quais os anarquistas estão comprometidos?

[...]

Eu creio que a crítica ao anarquismo como estilo de vida se dê da seguinte forma: por exemplo, eu estava numa reunião um tempo atrás e as pessoas falavam da necessidade de superarmos o capitalismo, e alguém disse que trabalhar para um capitalista era reforçar o capitalismo, e que deveríamos, portanto, morar em squats [7] e comer sobras de restaurantes?

Bom, se é isso que a pessoa quer fazer, tudo bem. Mas você sabe que a maioria delas irá querer uma vida além disso. Elas vão querer ter pertences, vão querer que seus filhos tenham pertences, que eles sejam educados, vão querer ter a possibilidade de ter uma hora para caminhar no bosque, enfim, muitas outras coisas. Se você quer essas coisas, terá que aceitar algumas características da sociedade existente. Para algumas pessoas especificamente, talvez para os privilegiados, seja possível "jogar esse jogo", mas a maioria das pessoas praticamente não pode. Então se esse é seu estilo de vida, tudo bem, mas não tente impô-lo a ninguém mais. Se escolherem isso, muito bem, porém não creio que muitos o farão. E se não o fizerem, tudo bem. Eles têm o direito de escolher seus estilos de

vida mesmo que isso inclua compromissos tais como trabalhar para um patrão. Se isso expandir a sua jaula até onde for possível, pode ser que seja a escolha certa. Eu não tenho o direito de te dizer para não fazer isso.

Se o estilo de vida for uma questão de se impor estilos de vida aos outros, então não estou de acordo. Se for uma questão de se dizer, “Eu tenho direito a ter o meu próprio estilo de vida e a menos que eu esteja te prejudicando, você não tem o direito de me dizer para não fazer isso”, então estou de acordo. Não vejo mais nada implicado nessa questão.

Com relação às sociedades pós-industriais e o puro comunitarismo, eu não creio que estejam em um conflito real. As pessoas sempre estão trabalhando juntas, seja numa fábrica ou em qualquer outro lugar, e nesses locais, apenas atividades comunitárias estão acontecendo. E, de fato, se não houvesse atividade comunitária acontecendo, nada estaria acontecendo. Considere esse departamento acadêmico. É uma pequena unidade, mas todos trabalham juntos. E você não pode falar que isso é uma contribuição de uma só pessoa. É como quando converso com um estudante. Estou aprendendo com ele e espero que ele esteja aprendendo comigo. Ambos estamos modificando nossa forma de pensar. Nós trabalhamos juntos, trabalhamos com alguém mais e assim por diante. Essas são unidades sociais que funcionam para produzir algo. Nesse caso, não são apenas relações, mas algo além disso. Toda a sociedade é organizada dessa maneira, e se não fosse, as pessoas estariam reduzidas. Eu odiaria imaginar um mundo no qual esse não fosse o caso, um mundo onde todos ficassem sentados em seus computadores enviando sua produção para outras pessoas. Seria o próprio inferno. Mas isso não existe, não vai existir e temos sorte disso.

Contanto que as pessoas estejam vivendo criativamente suas próprias vidas, esperamos que da maneira mais criativa possível, e em grupos – e essa é uma grande parte da criatividade, uma parte

fundamental dela -, surgirão, então, questões sobre como esses grupos devem se organizar. Num mundo real, esses grupos podem ser muito grandes, podem envolver sub-grupos, o que levanta a questão do federalismo. Nesse momento, surge a questão de como eles interagem com outros tipos de grupos dos quais as pessoas são parte. Você não é apenas parte de seu local de trabalho, você também é parte de sua comunidade. E ela deve ser organizada. O que você vai fazer com as escolas, as estradas, os sistemas de apoio e assim por diante? São apenas questões diferentes. Elas requerem diferentes tipos de organização e as pessoas serão parte de todas elas. Não são duas alternativas das quais precisaremos escolher entre uma ou outra; e uma não sobreviverá sem a outra. Quando a organização do local de trabalho e da comunidade existirem, ambas sobreviverão, mas não é uma questão de escolha.

Notas:

[1] Para um relato das lutas das mulheres durante a Revolução Espanhola, ver Martha Acklesberg, Free Women of Spain, Bloomington: Indiana University Press, 1991. (Não há referência ao incidente que Chomsky descreve aqui; no entanto, a antologia de David Porter Emma Goldman's writings on Spain, Visiono n Fire, [pp. 255-257] fala desse debate em termos muito simliares, sem dar nome aos principais envolvidos)

[2] Noam Chomsky relata, em seu texto, "Metas e Projetos", que os anarquistas hão de ser conscientes e pensarem bastante nas atitudes a serem tomadas e suas conseqüências. Por exemplo, o Estado (o que é relatado aqui), mesmo que seja um meio de opressão, ele garante a segurança do povo, mesmo que seja pouco, aos interesses capitalistas. Então os anarquistas têm de ter cautela ao atacar o Estado imediatamente em todos os aspectos, pois os riscos de revertemos o lado da moeda para os capitalistas é grande.

[3] One Big Union em português significaria algo como Grande

Sindicato Único e é uma proposta de setores do sindicalismo revolucionário e alternativo dos EUA (mais especificamente do IWW) para a criação de uma confederação sindical que agrupe todo o sindicalismo alternativo (sindicatos não corruptos e não criminosos) que está disperso em pequenos sindicatos ou integrado nas federações da AFL-CIO.

[4] Aproxima-se a 1000 graus Celsius.

[5] Greve patronal.

[6] Salário mínimo digno Chomsky considera como aquele que o indivíduo necessita para sobreviver e ter uma vida descente. No Brasil é feita uma estimativa para se ter o salário necessário com base em uma família de 4 pessoas, 2 adultas 2 duas pequenas, conforme indicado pela constitiuição federal e a diferença é enorme entre o salário minimo e esse salário necessário.

[7] Squats são ocupações de casas abandonadas por jovens para morar, e que geralmente se alimentam de restos de comida de grandes lanchonetes.

CONTRA O
TOTALITARISMO,
PATRIARCADO,
CAPITALISMO,
MACHISMO,
A LUTA
É TODO
DIA!
anarkio.net
A.T.B
fenikso@riseup.net

lernu
esperanto
aprenda
esperanto
anarkio.net

Nossa Casa Nossa luta!

Iniciativa por espaços
sociais autonomos
sem partidos, sem patrões
sem religiões, sem Estado

anarkio.net – fenikso@riseup.net

Vizitu nian interetan paĝon

HTTP://ANARKIO.NET

- Tekstojn;
- Imagojn;
- Agojn, ktp

Retadreso:

fenikso@riseup.net aŭ barriliber@anarkio.net
lobo@riseup.net

ANARKIO.NET

ATÉ O FIM DE TODAS CLASSES SOCIAIS